



DOSSIÊ: TEXTO COMO TECIDO DA CULTURA

## A vicissitude do texto na tecelagem dialógica

*The vicissitude of the text in the dialogic weaving*

*Las vicisitudes del texto en el tejido dialógico*

**Anderson Salvaterra  
Magalhães<sup>1</sup>**

[orcid.org/0000-0003-3183-1192](https://orcid.org/0000-0003-3183-1192)  
[asmagalhaes@unifesp.br](mailto:asmagalhaes@unifesp.br)

**Recebido em:** 16 maio 2024.

**Aprovado em:** 4 set. 2024.

**Publicado em:** 04 dez. 2024.

**Resumo:** Neste artigo, empreende-se uma discussão teórico-conceitual com dois objetivos inter-relacionados: (1) dispor o conceito de "texto" no quadro teórico-metodológico do dialogismo e (2) fomentar a precisão terminológica nos estudos dialógicos relativamente ao campo da Linguística, especialmente à análise dialógica do discurso (ADD). A discussão se fundamenta sobre três premissas: (i) o texto é um fenômeno semiótico, (ii) o texto configura artefato de intermediação, (iii) o texto implica um processo relacional. A partir daí, o artigo se desenvolve retoricamente por dois principais eixos argumentativos. No primeiro, recuperam-se a definição conceitual de "texto" e suas reformulações na obra de Bakhtin para cotejo com o quadro teórico emergente da obra do Círculo Bakhtin-Medviédiev-Volóchinov. No segundo eixo, diferenciam-se os conceitos de "texto" e "enunciado concreto" e verifica-se a relevância da precisão terminológica para a pesquisa em ADD. Para tanto, toma-se como mote a reiteração do famoso dito "Diga ao povo que fico" em diferentes condições enunciativas. São considerados: o registro formal no termo de vereação da Câmara do Rio de Janeiro de 9 de janeiro de 1822; o samba-enredo de Cabana, de 1962, intitulado "Dia do fico"; a coluna jornalística de Maxwell Rodrigues intitulada "Diga ao povo que fico!", publicada em 27 de setembro de 2023 no periódico digital *A Tribuna*. A discussão demonstra que amalgamar conceitualmente texto e enunciado concreto implicaria suprimir o ponto de partida da interpretação dialógica, que é o destaque dos enunciados da cadeia comunicativa discursiva e subsequente transposição para a condição de texto componente de um *corpus* de análise. Essa supressão traria como impacto a indistinção entre a posição ética do "ser expressivo falante" e a posição estética de pesquisador.

**Palavras-chave:** Bakhtin e o Círculo; análise dialógica do discurso; método dialógico; enunciado concreto; texto.

**Abstract:** In this paper, a theoretical-conceptual discussion is undertaken with two interrelated aims: (1) to place the concept of "text" in the theoretical-methodological framework of dialogism and (2) to promote terminological precision in dialogical studies in relation to the field of Linguistics, especially, Dialogic Discourse Analysis (DDA). The discussion is based on three premises: (i) the text is a semiotic phenomenon, (ii) the text configures an intermediation artifact, (iii) the text implies a relational process. From there, it develops rhetorically along two main argumentative axes. In the first, the conceptual definition of "text" and its reformulations in Bakhtin's work are recovered for comparison with the theoretical framework emerging from the work of the Bakhtin-Medvedev-Voloshinov Circle. In the second axis, the concepts of "text" and "concrete utterance" are differentiated and the relevance of terminological precision for research in DDA is verified. To this end, the motto is the reiteration of the famous historical saying "Diga ao povo que fico" in different enunciative conditions. The following are considered: the formal registration in the term of council of the Rio de Janeiro Chamber of January 9, 1822; the samba-enredo of Cabana, from 1962, entitled "'Dia do fico'; the journalistic column by Maxwell Rodrigues entitled "Diga ao povo que fico!", published on September 27, 2023, in the digital newspaper *A Tribuna*. The discussion demonstrates that conceptually amalgamating text and concrete utterance would imply suppressing the starting point of dialogic interpretation, which is the highlighting of utterances from the discursive communicative chain



Artigo está licenciado sob forma de uma licença  
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

<sup>1</sup> Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), Guarulhos, São Paulo, Brasil.

and its subsequent transposition to the status of text component of a corpus of analysis. This suppression would have the impact of blurring the ethical position of the "speaking personality" and the aesthetic position of the researcher.

**Keywords:** Bakhtin and the Circle; Dialogic Discourse Analysis; Dialogic Method; Concrete utterance; Text.

**Resumen:** En este artículo se emprende una discusión teórica-conceptual con dos objetivos interrelacionados: (1) ubicar el concepto de "texto" en el marco teórico-metodológico del dialogismo y (2) promover la precisión terminológica en los estudios dialógicos en relación con el campo de la Lingüística, especialmente, análisis dialógico del discurso (ADD). La discusión se sustenta en tres premisas: (i) el texto es un fenómeno semiótico, (ii) el texto configura un artefacto de intermediación, (iii) el texto implica un proceso relacional. A partir de ahí, el artículo se desarrolla retóricamente a lo largo de dos ejes argumentativos principales. En el primero, se recupera la definición conceptual de "texto" y sus reformulaciones en la obra de Bajtin para compararla con el marco teórico surgido de la obra del Círculo Bajtin-Medviédev-Voloshinov. En el segundo eje se diferencian los conceptos de "texto" y "enunciado concreto" y se verifica la relevancia de la precisión terminológica para la investigación en ADD. Para ello, el lema es la reiteración del famoso dicho "Diga ao povo que fico" en distintas condiciones enunciativas. Se consideran: la inscripción formal en el período de consejo de la Cámara de Rio de Janeiro del 9 de enero de 1822; el samba-enredo de Cabana, de 1962, titulado "Dia do fico"; la columna periodística de Maxwell Rodrigues titulada "Diga ao povo que fico!", publicada el 27 de septiembre de 2023 en el diario digital *A Tribuna*. La discusión demuestra que amalgamar conceptualmente texto y enunciado concreto implicaría suprimir el punto de partida de la interpretación dialógica, que es el resaltado de enunciados de la cadena comunicativa discursiva y su posterior transposición al estatus de componente textual de un corpus de análisis. Esta supresión tendría el impacto de desdibujar la posición ética del "ser hablante expresivo" y la posición estética del investigador.

**Palabras clave:** Bajtin y el Círculo; análisis dialógico del discurso; método dialógico; enunciado concreto; texto.

## Introdução

*Um galo sozinho não tece uma manhã:  
ele precisará sempre de outros galos.  
De um que apanhe esse grito que ele  
e o lance a outro; de um outro galo  
que apanhe o grito de um galo antes  
e o lance a outro; e de outros galos  
que com muitos outros galos se cruzem  
os fios de sol de seus gritos de galo,  
para que a manhã, desde uma tênue,  
se vá tecendo, entre todos os galos (Melo Neto, 2008).*

Originalmente publicado em 1966, o poema "Tecendo a manhã", de João Cabral de Melo Neto,

põe em proeminência o caráter nada solitário do trabalho metalinguageiro, como se vê na epígrafe. A metáfora da tecelagem rege muitas figuras de linguagem por meio das quais as relações com o outro – *outro* em sentido *lato* – são descritas como fundantes da tarefa poética, o que autoriza uma leitura metaforicamente orientada pela estruturação e sustentação dos quadros de lições, em que se fixam os fios de urdimento para subsequente inserção da trama. A ação de tecer evocada no título e no primeiro verso do poema ativa o domínio conceptual fonte do processo físico de tecelagem, produção têxtil, que se projeta num domínio alvo de elaboração simbólica, produção languageira. Essa figurativização-chave para o poema acarreta uma série de outras correspondências, como aquela que liga a relação causal entre o alvorecer e a vocalização do galo com a tarefa de criação literária. Pelo desmonte da poeticidade do poema, identifica-se como premissa retórica ali o encontro da propriedade estruturante (de urdimento) da relação entre actantes com o trabalho singular (inserção da trama) realizado por cada um dos interactantes. Eis aí duas condições para elaboração (tecelagem) não apenas de poemas, também de qualquer outro texto: a não solitude de actantes e a correlação ético-estética inerente ao trabalho com a linguagem.

Os textos infundem-se na história da humanidade e, por isso, gozam de infindáveis dinâmicas, instâncias experienciais e incontáveis especulações conceituais. Tão antigos quanto o homem, os textos figuram, a um só tempo, como registros de estados mentais, como pistas de valores socioculturais, como contato e contrato intersubjetivo. Qualquer pessoa, mesmo na mais tenra idade, vivencia variados processos relacionais mediados por complexos sígnicos –verbais (orais ou escritos), visuais, sincréticos. Não é de se estranhar que um fenômeno tão difundido seja conceitualmente disputado e variegado.

Independentemente de entender que o texto presentifica, apresenta, representa ou atualiza algo, parece haver consenso acerca de sua condição simbólica, que, em linhas gerais, é filosófica-

mente submetida a uma das duas grandes e mais correntes crenças a respeito da filogenia humana. De um lado, a crença cientificista materialista gera a especulação de que a linguagem integra os atributos evolucionistas da espécie. Desse ponto de vista, parte do que torna o homem humano é exatamente sua capacidade simbólica distintiva e, por esse viés, o texto é um fenômeno semiótico de intermediação não transcendental subsumida às condições materiais e concretas de simbolização. De outro lado, a crença criacionista metafísica fundamenta a especulação de que a linguagem humana é uma dádiva divina, um atributo sobrenaturalmente conferido ao homem que o distingue entre os demais elementos da criação. Desse outro ponto de vista, o texto é também um fenômeno semiótico de intermediação, porém com substrato transcendental.

Em que pesem as muitas implicações de uma e outra crença, neste artigo, importa atentar para três premissas comuns a ambas: (i) o texto é um fenômeno semiótico, (ii) o texto configura artefato de intermediação, (iii) o texto implica um processo relacional. Sobre essas premissas, traçam-se dois objetivos inter-relacionados: (a) dispor o conceito de "texto" no quadro teórico-metodológico do dialogismo (Queijo, 2022a; Souza, 2002) e (b) fomentar a precisão terminológica nos estudos dialógicos relativamente ao campo da Linguística, especialmente à análise dialógica do discurso – daqui por diante, ADD (Boenavides, 2022; Destri; Marchezan, 2021). Para tanto, retoricamente, seguindo a metáfora do texto como tecedura sociocultural, a discussão se organiza em outras três seções além desta introdução. Em "Preparação dos quadros de lições: urdimento teórico-dialógico", explicitam-se o primado histórico-cultural e a singularidade como duas condições epistemológicas do dialogismo, quadro teórico a partir do qual o conceito de "texto" é aqui exotopicamente examinado e interpretado (Bakhtin, 2017a).

Lançadas essas bases, em "Inserção da trama: os fios do fenômeno *texto* na pesquisa em ADD", a abstração teórico-metodológica é desafiada pela maleabilidade do fenômeno textual com

base no cotejo de uma atualização enunciativa da célebre frase "Diga ao povo que fico", atribuída, originalmente, a Dom Pedro I, no que ficou conhecido como "Dia do fico", 9 janeiro de 1822. O enfrentamento da tomada e retomada desse excerto linguístico culturalmente validado, respectivamente na história distante e recente do Brasil, sinaliza a pertinência desse exercício em favor da precisão conceitual.

Por fim, conclui-se o artigo com a listagem de pontos que explicitam como a precisão teórico-terminológica impacta a ADD quanto ao enfrentamento metodológico de seu objeto de estudo. Ainda que a comparação com outros quadros teóricos não seja o foco deste artigo, o destaque de especificidades justifica a pertinência de, mesmo em pleno século XXI, voltar-se o olhar para uma obra gestada até pouco depois da primeira metade do século XX. Não obstante, a tarefa não implica mera transposição ao contexto de produção intelectual de Bakhtin e o Círculo, mas, sim, a visita a um pensamento marcada pela contribuição que só uma leitura contemporânea – no caso, pelo viés da chamada ADD – pode gerar.

### Preparação dos quadros de lições: urdimento teórico-dialógico

Na concretude das relações humanas, a vivência de um fenômeno antecede seu estudo sistematizado. Não obstante, a tarefa teórico-conceitual empreendida neste artigo requer uma inversão. Isso porque, como já dizia o mestre genebrino Ferdinand de Saussure (1995), é o ponto de vista (teórico) que constrói o objeto em Linguística.

Dentre os muitos caminhos nos estudos do texto no âmbito da Linguística, especialmente a partir da emergência dos estudos periféricos – como análise do discurso (Harris, 1952; Pêcheux, 1969), pragmática (Austin, 1962; Grice, 1975; Searle, 1969), linguística textual (Beaugrande; Dressler, 1981; Conte, 1977; Dressler, 1972), linguística da enunciação (Benveniste, 1989a, 1989b, 2005a, 2005b, 2005c; Culioli, 1990, 1999a, 1999b), entre outros ramos –, o dialogismo configura uma

orientação epistemológica (Bakhtin, 2010b; Souza, 2002) cuja recepção no Brasil tem encaminhado à análise dialógica do discurso (Boenavides, 2022; Destri; Marchezan, 2021). A recepção dos estudos de Bakhtin e o Círculo no âmbito da Linguística, em geral, e dos estudos discursivos brasileiros, em particular, é a moldura intelectual para a presente discussão.

Os estudos dialógicos elegem como objeto de estudo fenômenos sógnicos que, sem negar o mundo natural, emergem do mundo verboideológico, que se funda na relação indissociável entre a produção sógnica – a dimensão semiótica – e os arranjos coletivos, plurivalorativos, instauradores de modos de perceber o mundo – a dimensão ideológica (Volóchinov, 2017, 2019). O lugar singular ocupado pela linguagem verbal nessa relação indissociável é destacado por Volóchinov (2017), o que motiva à designação aqui de mundo *verboideológico*. Essa inter-relação semiótico-ideológica estabiliza sistemas abertos que regulam os modos de participação social, os chamados campos da criação ideológica (Bakhtin, 2017a; Volóchinov, 2017) ou meios ideológicos (Medviédev, 2012). Sendo esses sistemas abertos, suas fronteiras são porosas, de modo que muito do que se produz culturalmente se instala de maneira híbrida, por vezes localizando-se na sobreposição de campos (Magalhães; Cândido, 2020; Magalhães; Mattos, 2024). Mediada pelos campos da criação ideológica e pautada por parâmetros sociocognitivos – os gêneros do discurso –, a participação no mundo verboideológico se dá por enunciados concretos (Bakhtin, 2016a) e, nesse ponto, instala-se a demanda por precisão teórico-metodológica no encaminhamento do que seja (ou possa ser) “texto” em dialogismo.

Bakhtin afirma que “O homem em sua especificidade humana sempre exprime a si mesmo (fala), isto é, cria texto (ainda que potencial)” (2016b, p. 77). No mundo natural, o homem pode ser explicado por sua anatomia, fisiologia etc., mas o que interessa às ciências humanas é o que se passa no mundo verboideológico. O pensador russo complementa: “Onde o homem é estudado fora do texto e independente deste já não se trata de

ciências humanas (mas de anatomia e fisiologia do homem, etc.)” (Bakhtin, 2016b, p. 77) e, ainda, “O objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*” (Bakhtin, 2017b, p. 59). É importante ler com cuidado para que “expressivo” e “falante” não ativem conceitos individualizantes, como o que emerge da orientação romântica para “expressão” ou a concepção saussuriana de “falante” (Bakhtin, 2016a; Volóchinov, 2017). Diferentemente, aquele que “exprime a si mesmo (fala)” é um ente histórica e socialmente inscrito de maneira que sua participação não meramente natural, mas, sobretudo, verboideológica figura no tecido cultural. Isso se dá não pela exteriorização da subjetividade do indivíduo, mas pela realização de sua singularidade na reflexão-refração (Volóchinov, 2017) ou assimilação-reelaboração-reacentuação (Bakhtin, 2016a) inerente ao enunciado concreto.

A singularidade – elemento-chave no estudo dialógico de orientação bakhtiniana (Seidel, 2024) – difere da individualidade por estar subsumida ao primado histórico-social da teoria que emerge do conjunto da obra de Bakhtin e o Círculo. A particularidade do eu refere-se ao seu lugar inalienável e inescusável na história e na sociedade e não se confunde com a individualidade subjetivista de um eu. No mundo verboideológico, o eu emerge de relações de alteridade, de maneira que agremiações sociais são constitutivas de sua condição de fazer sentido do mundo e participar da cultura. Como afirma Volóchinov (2017, p. 96-97), o signo não surge “[...] entre dois *Homo sapiens*. É necessário que esses dois indivíduos estejam *socialmente organizados*, ou seja, componham uma coletividade”. Insiste-se no primado histórico-social: para os estudos dialógicos, não interessa a biologia do homem, mas sua configuração ideologizada e ideologizante, o que passa, invariavelmente, pela semiotização.

Consideradas as duas condições-chave para processar o dialogismo – o primado histórico-social e a inalienável singularidade implicada na participação no mundo verboideológico –, retoma-se a afirmação de Bakhtin de que o caráter humano que interessa às ciências humanas está na propriedade de criar textos. Daí, inevitável-

mente, pergunta-se: o que é "texto"? O pensador russo, em um ensaio em filosofia das ciências humanas, datado do início da década de 1960, define texto como "[...] qualquer conjunto coerente de signos, a ciência das artes (a musicologia, a teoria e a história das artes plásticas) opera com textos (obras de arte). São pensamentos sobre pensamentos, vivências sobre vivências, palavras sobre palavras, textos sobre textos" (Bakhtin, 2016b, p. 72).

Para destrinçar a organização desse conceito teórico, além de guardadas as duas condições explicitadas, é importante atentar para a prática argumentativa de Bakhtin de articular pontos em tensão. Recorrentemente, seu trabalho teórico segue uma dinâmica de entrelaçar aspectos estáveis e aspectos instáveis (Amorim, 2006), e isso não é diferente no tratamento dispensado a "texto". Aqui vale uma citação mais longa.

Dois polos do texto. Cada texto pressupõe um sistema universalmente aceito (isto é, convencional no âmbito de um dado grupo) de signos, uma linguagem (ainda que seja a linguagem da arte). Se por trás do texto não há uma linguagem, este já não é mais um texto mas um fenômeno das ciências naturais (não embaçado em signo), por exemplo, um conjunto de gritos naturais e gemidos desprovidos de repetição linguística (semiótica). É claro, todo texto (seja ele oral ou escrito) compreende um número considerável de elementos naturais diversos, desprovidos de qualquer configuração semiótica, que vão além dos limites da investigação humanística (linguística, filológica, etc.) mas são por estas levadas em conta (a deterioração de um manuscrito, uma dicção ruim, etc.). Não há e não pode haver textos puros. Além disso, em cada texto existe uma série de elementos que podem ser chamados de técnicos (aspecto técnico do gráfico, da obra, etc.). Portanto, por trás de cada texto está o sistema da linguagem. A esse sistema correspondem no texto tudo que é repetido e reproduzido e tudo que pode ser repetido e reproduzido, tudo que pode ser dado fora de tal texto (o dado). Concomitantemente, porém, cada texto (como enunciado) é algo individual, único e singular, e nisso reside todo o seu sentido (a sua intenção em prol da qual ele foi criado). É aquilo que nele tem relação com a verdade, com a bondade, com a beleza, com a história. Em relação a esse pensamento, tudo que é suscetível de repetição e reprodução vem a ser material e meio. Em certa medida, isso ultrapassa os limites da linguística e da filologia. Esse segundo elemento (polo) é inerente ao próprio texto mas só se revela numa situação e na cadeia dos textos (na comunicação discursiva de dado campo). Esse polo

não está vinculado aos elementos (repetíveis) do sistema da língua (os signos) mas a outros textos (singulares), a relações dialógicas (e dialéticas com abstração do autor) peculiares (Bakhtin, 2016b, p. 74-75).

Dialogicamente, o texto emerge do encontro, em termos bakhtinianos, de um polo estável, convencionalizado e partilhado coletivamente, passível de reiteração e repetição, ou seja, a linguagem como sistema ideologicamente neutro e virtualmente disponível para qualquer realização ideologicamente interessada, com um polo instável de relações culturalmente balizadas e historicamente irrepetíveis. Sendo o texto uma entidade emergente do encontro, não cabe reduzi-lo a um ou outro polo, mas enfrentar o desafio de operar com a tensão entre eles. Neste ponto, retomando as notas da maturidade do pensador russo (Bakhtin, 2017a), é possível estabelecer uma correlação entre o polo estável do texto e significado, por um lado, e o eixo instável e sentido, por outro. Se não é possível tomar significado e sentido como sinônimos, também não é possível apartá-los absolutamente, já que a singularidade do sentido só é viabilizada pela estabilidade do significado, bem como o significado nada mais é do que a convencionalização de sentidos (Bakhtin, 2017a). Semelhantemente, o polo estável do texto é condição para sua expressividade, e feixes de expressividade se estabilizam como repertório coletivamente convencionalizado.

Aqui está uma importante especificidade da teoria dialógica: o "conjunto coerente de signos" não se presta a mero formato modelizante nem se esvai na fugacidade de uma situação interacional concreta, seja de produção, seja de recepção. Há no texto, sim, forma. No repertório coletivo há, sim, referenciais de formato. Entretanto, o texto não é mera reiteração de formas/formatos – ainda que haja reiteração de formas/formato –, mas, sim, conformação mais ou menos criativa, embora sempre singular, de formas/formato pela qual se participa no mundo verboideológico. A condição semiótica, como já destacado, inscreve o texto como produto ideológico, e a coerência agrégia signos em dispersão num conjunto.

Sob pena de se apartar das duas condições

do dialogismo aqui destacadas, não é possível atribuir a coerência à forma. A coerência está, como detalhado subsequentemente por Bakhtin, na tensão de tecer – retomando a metáfora de Melo Neto (2008) – pensamentos com pensamentos, vivências com vivências, palavras com palavras, isto é, na tensão de estabelecer relações entre elementos sógnicos, materiais submetidos à semiotização, e agremiá-los de maneira a conformar uma posição no mundo verboideológico. Desse ponto de vista, a coerência é um processo estético com implicações éticas. É um processo porque se define pela agremiação; é estético porque requer invariavelmente uma posição que dê acabamento – como se sabe, sempre provisório (Bakhtin, 2016a) – às relações estabelecidas e reunidas; tem implicações éticas porque essa posição estética não prescinde de uma postura emergente da singularidade. Pode-se dizer que a coerência textualizante é o que, como compila Silva (2009) de vários ensaios de Bakhtin, o pensador russo chama de "arquitetônica". É pela arquitetura que se reúnem as relações dialógicas estabelecidas e se confere a determinados signos o estatuto de "texto".

O entendimento da coerência textualizante como arquitetura está enunciado em Bakhtin (2016b), por exemplo, ao afirmar que todo texto tem autor – posição estética que produz acabamento e sobre a qual recai a responsabilidade ética. Isso reitera o que já havia defendido em um curto ensaio no final da década de 1910, ao tratar da imbricação entre arte e vida: não há como proceder à arte com isenção ética (Bakhtin, 2003). Também em ensaio escrito em 1924, o pensador insistiria na posição estética autoral como vinculada não ao material manipulado, mas ao tipo de relação interactante empreendida. Nesse ensaio, Bakhtin (2023) diferencia, sem segregar, o ato estético do ético. Eis aí, novamente, a defesa pela contiguidade ético-estética.

Outro ponto que corrobora o entendimento é o fato de a arquitetura agremiar "relações dialógicas". Embora estas sejam efetivamente definidas somente na versão revisada de sua obra sobre Dostoiévski como processo interpretativo que

articula fenômenos semióticos, isto é, fenômenos submetidos ao processo sógnico (Bakhtin, 2010b), próprio do mundo verboideológico, em sua especulação filosófica sobre o texto na Filologia, na Linguística e nas ciências humanas em geral, Bakhtin (2016b) já aponta que as relações dialógicas se dão entre textos e no interior dos textos. Novamente, vale lembrar que sua concepção de "texto" emerge das duas condições já ressaltadas: o primado histórico-social e a singularidade. Sua abordagem dessas relações como exofóricas e endofóricas aponta diretamente para a posição estética autoral eticamente responsável pela arquitetura, processo de seleção e ligamento de enunciados concretos; partes de enunciados, desde que tais partes não sejam cooptadas como mero elemento neutro da virtualidade do sistema de linguagem; de estilos de linguagens e vozes sociais, quando estes são categorizados como cosmovisão da linguagem, em posições semântico-valorativas (Bakhtin, 2010a, 2010b). A arquitetura requer que haja um universo de enunciados concretos prévios para que se proceda à seleção e à ligação de matérias sógnicas.

Assim, parafraseando a definição dada por Bakhtin (2016b), texto é a agremiação arquitetônica de elementos sógnicos dialogicamente relacionados. Essa definição, embora cifrada por termos próprios do dialogismo, faz jus à especificidade da concepção teórica do termo em exame. Ainda que não sirva a propósitos didatizantes e de divulgação científica, serve ao propósito acadêmico de precisão conceitual.

Com base nessa concepção teórica, o pensador russo argumenta que o pensamento científico não pode se alienar do texto:

O texto (escrito ou oral) enquanto dado primário de todas as disciplinas, do pensamento filosófico-humanista em geral (inclusive do pensamento teológico e filosófico em sua fonte). O texto é a realidade imediata (realidade do pensamento e das vivências), a única fonte de onde podem provir essas disciplinas e esse pensamento. Onde não há texto não há objeto de pesquisa e pensamento (Bakhtin, 2016b, p. 71).

Se, por exemplo, a produção intelectual das ciências naturais pode partir de elementos regi-

dos por leis naturais, como as reações químicas em um laboratório, as ciências humanas não conhecem outro “dado primário” além do texto. Daí pensamento sobre pensamento, vivência sobre vivência, palavra sobre palavra – sempre arquitetonicamente agrupados. A próxima seção visa verificar a relevância metodológica para o tratamento do fenômeno textual no tear dialógico.

### Inserção da trama: os fios do fenômeno “texto” na pesquisa em ADD

Na ininterrupta cadeia comunicativa discursiva, a simples compreensão já configura atitude responsiva ativa (Bakhtin, 2016a), uma vez que implica posicionamento diante do que se apresenta. Restringindo-a à dinâmica analítica acadêmica, a compreensão-posicionamento é o prenúncio da arquitetônica, que selecionará elementos signícos e os articulará num conjunto de signos próprio. Não à toa, Bakhtin (2016b, p. 78) afirma que “a atitude humana é um texto em potencial e pode ser compreendida (como atitude humana e não ação física) unicamente no contexto dialógico da própria época (como réplica, como posição semântica, como sistema de motivos)”. Ora, seria então “texto” o mesmo que “enunciado”? Bakhtin (2016b, p. 73) apresenta essa possibilidade, mas não essa sinonímia teórico-conceitual: “O texto como enunciado incluído na comunicação discursiva (na cadeia textológica) de dado campo”. *Ser como x* difere de *ser x*. Existe uma relação entre a tecedura coerente (arquitetônica) de signos num conjunto e a atualização enunciativa desse conjunto. Todavia, para fins de descrição e análise de linguagem no quadro da ADD, há implicações metodológicas na distinção conceitual.

O primeiro aspecto metodológico a se considerar é: o texto é uma realidade imediata; o enunciado, não necessariamente. Aquilo que pode ser materialmente reiterado tem potencial textual, mas as condições enunciativas são sempre irrepitíveis e singulares. Na produção do enunciado, há a projeção de relações entre autor e parceiros dialógicos (Bakhtin, 2016b) para movimentação da cadeia comunicativa (Bakhtin, 2016c; Queijo; Gontijo Rosa, 2023). A recepção

do texto (do texto!) em disjunção com o tempo de sua produção enunciativa, por exemplo, instala outra trama enunciativa, a ponto de Bakhtin (2023, p. 276) falar em “autor-contemplador”, posição estética necessária para que um texto seja enunciativamente atualizado. Se na conversa oral face a face a compreensão entre interlocutores dá dinamismo imediato à cadeia comunicativa discursiva, a relação com instâncias de linguagem mediadas, isto é, instâncias em que a produção e a recepção estão distanciadas, implica o acesso imediato a um elemento material – o texto –, vetor de estabelecimento de novo jogo enunciativo.

Neste ponto, vale a ressalva: a segregação conceitual entre enunciado e enunciação autorizada em outros quadros teóricos dos estudos enunciativos não se aplica ao dialogismo (Souza, 1999, 2002). Isso porque, nessa orientação epistemológica, a participação no mundo verboideológico se dá por meio do enunciado, sempre único e irrepitível; daí a especificação “enunciado concreto”. Assim, a materialidade signíca é o que se pode retomar, e seu exame enunciativo vai além do rastreamento de uma instância lógica e formal nele pressuposta; seu exame visa seguir as pistas das relações que a tornaram, em algum momento, elo único e irrepitível numa cadeia ininterrupta. O simples ato de voltar a determinada materialidade já instala novas condições enunciativas, forjando um enunciado novo, sempre único. Essa retomada pode ser pela citação (Volóchinov, 2017) ou mesmo pela tarefa analítica (Bakhtin, 2010b, 2016b, 2017b). O que materialmente permanece e permite a retomada guarda o estatuto textual, mas a retomada experiencialmente única gera uma compreensão singular e inalienável; condição para delimitação do enunciado concreto (Bakhtin, 2016a). Assim, em dialogismo, não é pertinente a segmentação entre processo e produto, que motiva a diferenciação conceitual entre a ocorrência de uma instância de linguagem e a instância logicamente nela pressuposta. O fenômeno do enunciado é sempre uma ocorrência única; o que se permite visitar é a materialidade signíca com a qual se podem estabelecer relações para

além das relações lógicas: as relações dialógicas (Bakhtin, 2017a).

Dada a natureza evanescente do fenômeno dialógico, Bakhtin (2010b) propõe um campo que difere, mas não ignora, os estudos linguísticos que hoje podem ser classificados como *mainstream*. O pensador russo nomeia esse, então novo, campo de Metalinguística; detalha que seria um campo dedicado às relações dialógicas manifestas entre elementos verbais que, de algum modo, configurem pontos de vista; não pontos de vista subjetivistas individualistas, mas perspectivas histórico-sociais. Embora o autor reconheça que as relações dialógicas se deem entre materiais signícos dos mais diversos, explica que a Metalinguística se ocuparia especificamente daquelas realizadas por meio verbal.

A recepção brasileira dessas ideias tem abarcado também valores e sentidos emergentes de materiais signícos em diferentes sistemas semióticos e entre sistemas semióticos (Magalhães; Kogawa, 2019). Daí advém o enfoque denominado "análise dialógica do discurso", e é do tempo-lugar em que a ADD emerge que se dá a releitura ora proposta do conceito de "texto", relativamente ao conceito de "enunciado concreto".

A singularidade e a concretude do enunciado implicam reconhecer que este está sempre submetido às condições interacionais a partir das quais se ativam sentidos (Magalhães, 2022; Queijo; Gontijo Rosa, 2023; Souza, 1999). Diferentemente, o texto configura essa instância material que, tomada como objeto de estudo, submete-a a outra arquitetônica: a do pesquisador (Queijo, 2022a). Nesse novo enquadre arquitetônico, estabelecem-se relações dialógicas que dispõem os textos ou fragmentos de textos como *corpus* de análise (Queijo, 2022b). No procedimento de análise propriamente dita, os textos – materialmente disponíveis – são examinados conforme suas condições enunciativas – materialmente indicadas. Veja as instruções metodológicas dadas por Bakhtin:

A interpretação como correlacionamento com outros textos e reapreciação em um novo contexto (no meu, no atual, no futuro) [...] Etapas do movimento dialógico de *interpretação*: o

ponto de partida – um dado texto, o movimento retrospectivo – contextos do passado, movimento prospectivo – antecipação (e início) do futuro contexto (2017b, p. 67).

O ponto de partida para a interpretação própria à pesquisa, e não à resposta prosaica, usual, são os dados imediatos destacados de sua ocorrência concreta na cadeia comunicativa discursiva, isto é, textos. Feito isto, realizam-se duas tarefas:

A primeira tarefa é compreender uma obra da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele. [...] A segunda tarefa é utilizar a sua [do pesquisador] distância (*vnienokhodimost*) temporal e cultural. Inclusão do nosso (alheio para o autor) contexto (Bakhtin, 2017a, p. 40).

Repare que a primeira tarefa de análise, que pressupõe a seleção prévia do texto, é "compreender", é assumir uma atitude responsiva ativa em relação ao que foi previamente selecionado, é projetar o texto em certo recorte da cadeia comunicativa discursiva. Não se parte da seleção de enunciados, mas de textos, que estão materialmente disponíveis. Daí, examinam-se os textos em, pelo menos, duas instâncias enunciativas: aquela de sua produção (1ª tarefa) e aquela da apropriação do texto pelo pesquisador (2ª tarefa). Dizer que a seleção prévia à análise já mobiliza enunciados e que as tarefas de análise seriam o rastreamento das condições lógico-formais neles pressupostas reduz o processo enunciativo à distribuição formal, corrompe a relação do enunciado com o campo da criação ideológica, inviabiliza o exame da singularidade (Seidel, 2024) e desarticula o método dialógico (Queijo, 2022a, 2022b).

Na vida, no cotidiano, a cadeia comunicativa discursiva segue ininterrupta conforme a participação no mundo verboideológico; na pesquisa em ciências humanas, as diversas participações no mundo verboideológico são (res)semiotizadas pelo campo científico que as interpreta. Em ADD, para que se opere essa transposição de enunciado na vida para objeto de estudo em pesquisa, o procedimento metodológico se inicia com o destaque dessas ocorrências, dessas vivências. Esse destaque implica desarticular seu estatuto



enunciativo guardando, porém, seu potencial sígnico, sua condição de realidade material imediata arquitetonicamente organizada, sua condição textual. Migrados para o campo da pesquisa, os textos são dispostos como *corpus* e, ali, ganham novos vizinhos, tornam-se novos elos. Em outras palavras: ganham novo estatuto enunciativo. Não obstante, a pesquisa em ADD requer como tarefa primeira recuperar justamente as condições enunciativas originais do que ali figura como texto. Veja o caso da retomada da instância linguística "Diga ao povo que fico".

Como articula Brait (2012), o texto chama e a memória responde. Para o brasileiro escolarizado, a frase remonta a um episódio da história do Brasil, momento que antecedeu sua independência em 1822. É atribuída ao então príncipe regente Dom Pedro I, que, em desobediência à ordem da Coroa portuguesa, decidiu não retornar a Portugal. Em 9 de janeiro de 1822, o príncipe português teria enunciado, na então colônia americana: "Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, estou pronto. Diga ao povo que fico". Pelo seu valor político e sua relevância na e para a historicização brasileira, esse pronunciamento acabou motivando a nomeação do acontecimento como "Dia do fico". Para fins argumentativos, suponha que essa tenha sido a expressão exata pronunciada por Dom Pedro I. O enunciado original – verbal e oral – inscreve-se no campo geopolítico, o que viabiliza a reflexão-refração de uma colônia em processo de reconfiguração como nação independente. Juridicamente, no limite das circunstâncias do pronunciamento, a fala configura uma desobediência civil. Enunciativamente, há uma tensão intersubjetiva assim articulada: o eu que fica (o príncipe) manda o tu (não povo) dizer isto a outrem (o povo). Nessa trama, o povo configura um objeto apenas falado (Amorim, 2002). As condições desse enunciado concreto se esvaem como o acontecimento empírico, mas a força discursiva é historicamente preservada pela captura textual, especialmente, pelo registro escrito.

A transposição da oralidade para a escrita torna patente a alteração material; há explicitação de uma retextualização, com outra conformação material. A frase atribuída ao príncipe regente é registrada no termo de vereação da Câmara do Rio de Janeiro do dia 9 de janeiro de 1822<sup>2</sup>. Subscrevem o termo José Clemente Pereira, Francisco de Souza e Oliveira, Juiz José Vianna Grugel do Amaral e Rocha, Manoel Caetano Pinto, Antonio [sic] Alves de Araujo [sic], José Martins Rocha, Domingos José Teixeira, João [sic] José Dias Moreira, Antonio [sic] José da Costa Ferreira, José Ignacio da Costa Florim, Leandro José Marques Franco de Carvalho, Francisco José Guimarães, José da Costa de Araujo [sic] Barros, José de Souza Meirelles e Manoel José da Costa. No documento escrito, as palavras do príncipe regente são transcritas em citação direta: "Como he para bem de todos, e., felicidade geral da Nação, estou pronto: diga ao povo que fico". Arquitetonicamente, o documento da Câmara registra um centro valorativo em tensão, reflexo-refração da situação política em que é produzido. Eis aí uma pista textual a partir da qual podem ser recuperadas relações enunciativas. Para fins de análise, chega-se ao documento como texto (Queijo, 2022b), como realidade imediata que se apresenta concretamente ao analista num acervo digital. A partir daí, realizam-se as tarefas metodológicas orientadas por Bakhtin (2017a).

Um dos principais vetores de instalação da frase na memória brasileira é a escrita, e a frase – nesse caso, fragmento de texto – é retextualizada no termo de vereação. Mantém-se o campo geopolítico do enunciado original, mas altera-se o gênero discursivo (Bakhtin, 2016a, 2016c; Brait; Pistori, 2012; Magalhães, [2024?]). A autoria do enunciado relativamente a esse outro gênero recai sobre os membros da Câmara do Rio de Janeiro, e o fragmento de texto atribuído ao príncipe regente figura como citação. Repare que a trama enunciativa original é preservada na forma como o fragmento de texto é introduzido no novo enunciado escrito, datado e coletiva-

<sup>2</sup> Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/6632>. Acesso em: 4 maio 2024.

mente assinado. Agora, a pessoa que se enuncia no fragmento historicamente difundido não é a signatária do documento, e as aspas marcam as fronteiras de responsabilidade ética autoral. É tarefa da análise dialógica voltar a essas camadas enunciativas, cujas pistas estão dadas pelo centro valorativo arquitetônico do texto, indicando o que permanece – nos termos de Bakhtin (2016a), assimilado –, o que é alterado – reelaborado – e o que resulta da tensão entre a continuidade e a inovação – o que é reacentuado. O termo de vereação, por um lado, documenta uma desobediência da colônia em relação à Coroa Portuguesa; por outro, reitera a “vassalagem” à Coroa Portuguesa por referendar a identidade monárquica do príncipe português, então regente na colônia. A tensão político-ideológica se dá na relação dialógica entre um discurso monarquista e colonialista e um discurso separatista de independência política. O documento faz sentido pela ativação simultânea de ambos os discursos em sua realização enunciativa.

Esse registro material historicamente referenciado favorece a permanência e o trânsito desse texto por variados campos da criação ideológica, promovendo ampla difusão cultural, a ponto de emergir enunciativamente, em 1962, num samba-enredo do Grêmio Recreativo e Escola de Samba Beija-Flor, de Nilópolis, no Rio de Janeiro. O enredo se intitula “Dia do fico” e é assinado por Cabana. O samba-enredo<sup>3</sup>, de conformação semiótica sincrética, inicia com a melodia do Hino da Independência, musicado por Marcos Portugal, e seus versos contam uma versão tradicional do Dia do fico. Os versos iniciam logo com o refrão: “Como é para o bem de todos/ E felicidade geral da nação/ Diga ao povo que fico/ Isto aconteceu”. Repare a permanência linguística de “Diga ao povo que fico” entrelaçada em um contexto enunciativo que muito dista do original. Como refrão de um samba, trata de um enunciado não mais do campo geopolítico, mas do campo artístico. É uma canção que versa sobre um episódio da

história do Brasil; não é um documento histórico que registra o acontecimento. Enunciativamente, o pronunciamento do príncipe e o termo de vereação, por um lado, e o samba-enredo, por outro, distam no tempo e no espaço e diferem no campo da criação ideológica. Textualmente, a arquitetônica do samba se vale do texto do pronunciamento do príncipe registrado no termo de vereação e, daí, depositado na memória brasileira. O refrão marca essa disjunção temporal pela oposição entre citante e citado. Os quatro primeiros versos configuram uma citação direta. Trata-se de uma reprodução textual do que teria dito o príncipe regente em 9 de janeiro de 1822. A pessoa que se enuncia no verbo “ficar” não é aquela que conta a história. A fronteira enunciativa entre citado e citante se marca no quinto verso. O pronome demonstrativo “isto” dá início à produção citante, sintetizando o citado.

A arquitetônica do samba se alinha à tradição histórica e conta o episódio em tom elogioso, de exaltação nacionalista. A categorização do ocorrido como “data bonita”, “palavras bem ditas”, “data de glória” e do príncipe regente como “O grande defensor perpétuo do Brasil” mostram a perspectiva valorativa da tradição ao narrar o ocorrido. A tensão do centro valorativo do termo de vereação é reiterada na grandiloquência ecoada no samba. Não há, por exemplo, a problematização da independência proclamada por um “príncipe português”! Esse centro valorativo arquitetônico tradicional apresenta-se por pistas materiais (textuais) reiteráveis e enunciativamente reacentuáveis. É a condição enunciativa do samba-enredo que viabiliza, por exemplo, a possibilidade de mobilizar a canção como trilha musical de um documentário da Escola de Samba, o que confirmaria seu tom conservador, ou como trilha musical de uma montagem jocosa do episódio recente, em outubro de 2022, em que o então deputado Roberto Jefferson recebe a Polícia Federal com tiros<sup>4</sup>. Nesse segundo caso hipotético, haveria manutenção do texto, mas a

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/beija-flor-rj/709630/>. Acesso em: 15 maio 2024.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2022/10/24/em-depoimento-roberto-jefferson-diz-ter-dado-50-tiros-contra-a-pf.ghtml>. Acesso em: 15 maio 2024.

configuração enunciativa seria não apenas outra, como díspar. Se, na cadeia comunicativa da vida, do cotidiano, a memória responde ao chamado do texto (Brait, 2012) a ponto de se traçarem as fronteiras enunciativas do que é citado e citante no samba-enredo, na arquitetônica de uma pesquisa, responde-se ao funcionamento primeiro textual, depois enunciativo do samba-enredo. Isso fica ainda mais patente no caso descrito a seguir.

O trânsito do texto ou os fragmentos de textos por diferentes campos e, conseqüentemente, diferentes condições enunciativas permitem a grande difusão da célebre frase nas mais diversas ideologias. Compare-se o "Diga ao povo que fico" no samba-enredo com o título homônimo da coluna de Maxwell Rodrigues no periódico digital *A Tribuna* de 27 de setembro de 2023<sup>5</sup>. A coluna comenta a manutenção do diretor-presidente da Autoridade Portuária e a troca no Ministério de Portos e na Secretaria Nacional de Portos e Transportes Aquaviários. Para informações jornalísticas, leia-se a coluna; neste artigo, interessa a trama textual-enunciativa que move discursos.

O título da coluna apresenta uma inversão do texto original atribuído a Dom Pedro I. A linha fina é: "Se é para o bem de todos e felicidade geral do porto, estou pronto!" Além da substituição da palavra "nação" por "porto" e dos devidos ajustes morfossintáticos de concordância, recupera-se uma estrutura textual – e não enunciativa – invertida do pronunciamento histórico.

Dialogicamente, talvez valha dizer, bakhtinicamente, essa base textual é assimilada pela coluna jornalística e, nessa inserção enunciativa, reelaborada. A reelaboração requer a assimilação; de outra feita, perder-se-iam os significados e sentidos que se quer convocar. Como a reelaboração deixa pistas materiais, identificam-se marcas textuais. Nesse caso, as pistas estão exatamente na substituição lexical e na inversão da ordem das sentenças do "texto original". Da relação dialógica entre a continuidade da base assimilada e a inovação promovida pela reelaboração, emerge a reacentuação irônica própria

não do texto, mas do enunciado concreto, cujo funcionamento é ativado a cada instância de leitura da coluna, quando a posição estética de autor-contemplador é preenchida. No tear do dialogismo, o estatuto enunciativo, e não o textual, é o que instala discursivamente a ironia. Dialogicamente, a ironia configura um processo enunciativo-discursivo que qualifica o enunciatário como parceiro dialógico capaz de assumir a posição estética de autor-contemplador a partir da qual são ativados os valores em tensão (Brait, 2008). O tom irônico não está na materialidade repetível do texto nem na arquitetônica que arregimenta valores pela assimilação e reelaboração, mas, sim, na dinâmica enunciativa que oportuniza a simultaneidade de dois discursos concorrentes.

Para a ADD, não é a pessoa empírica que se coloca como leitora o ponto de interesse, mas as condições de preenchimento da posição estética autoral para ativação simultânea dos discursos convocados. A trama entre parceiros dialógicos deflagrada a cada leitura da coluna coloca em relação dialógica o discurso nacionalista da tradição acerca da formação e organização política do Brasil convocado pela base textual – novamente, Brait (2012) diria, "os textos chamam..." – e o discurso revisionista da tradição que põe em xeque a grandiloquência elogiosa da tradição – "a memória responde". No âmbito de uma análise, e não no da recepção de um texto jornalístico, a assinatura de Maxwell Rodrigues é um atributo textual próprio das produções do campo jornalístico. Se ele é a pessoa empírica que responde juridicamente pela coluna, o tom irônico emerge da configuração enunciativa do texto e da responsabilidade da posição estética autoral, e não de sua condição civil e responsabilidade jurídica. Não se pode tributar a ironia à autoria empírica, mas à trama entre os parceiros dialógicos. Assim, a ativação de sentido irônico não pode ser creditada ao material, nem à pessoa de carne e osso, com CPF e, eventualmente, CNPJ, mas à responsabilidade autoral (Bakhtin, 2016b), seja como autor-criador, seja como autor-contem-

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.atribuna.com.br/projetos/porto-360-entrevista/diga-ao-povo-que-fico>. Acesso em: 15 maio 2024.

plador (Bakhtin, 2023). Se o autor-contemplador não ativar a tensão entre discursos, e sim projetar-lhes contiguidade ideológica a despeito das pistas arquitetônicas (textuais) da arena discursiva (Magalhães; Queijo, 2015; Volóchinov, 2017), não emergirá a ironia da trama enunciativa. Eis aí o “não álibi” para a participação no mundo verboideológico, a responsabilidade ética de simplesmente fazer sentido (Bakhtin, 2010a).

## Conclusão

É no mínimo curioso que Bakhtin dedique-se à discussão acerca do texto num ensaio em filosofia da ciência. Sempre que tece sua prosaística, como diriam Morson e Emerson (2008), o pensador russo centra sua discussão preponderantemente no enunciado, sempre concreto, e nos discursos. Na vida, no cotidiano subsumido ao mundo verboideológico, a participação na cadeia comunicativa se dá por enunciados. Para tomar parte na realidade sociocultural, em termos dialógicos, é preciso assumir uma atitude responsiva ativa e promover ainda outras. Neste artigo, discutiu-se teórico-conceitualmente a diferença e a relação entre texto e enunciado nos estudos dialógicos cotejando enunciados que retomaram a célebre frase/mote do “Dia do fico”.

Como enunciado fundante, certa fala de valor geopolítico proferida pelo então príncipe regente no século XIX é textualmente capturada num termo de vereação da Câmara do Rio de Janeiro de 1822. A passagem da oralidade para a escrita, de um gênero a outro, é importante condição material para demais retomadas, como a do samba-enredo de Cabana, no século XX, e da coluna jornalística de Maxwell Rodrigues, no XXI. A cada retomada, além da mobilização material textual, há certo retorno às condições discursivas do enunciado original, e a memória cultural vai reacentuando ideologicamente o “Dia do fico”. No caso do samba, por exemplo, evoca-se a grandiloquência de um modo de historicizar o Brasil; já na coluna jornalística, satiriza-se essa grandiloquência.

Do conjunto das muitas retomadas do “Dia do fico”, neste artigo reuniram-se essas ocorrências

como um pequeno *corpus* de pesquisa. Para tanto, cada ocorrência é recortada de sua condição enunciativa para figurar como texto, que preserva seus dois polos. As pistas materiais, polo da estabilidade, se apresentam imediatamente pelas formas semióticas reiteráveis e disponíveis para o atravessamento da trama ideológica. A coerência emergente da agremiação própria da arquitetônica, polo da instabilidade, apresenta-se mais sutil, mas não menos concreta. O centro de valor que tece num conjunto o que poderiam ser meros fios dispersos deixa suas marcas pelo que convoca materialmente e pelo que deixa de fora.

No tear dialógico, a assimilação, a reelaboração e a reacentuação da palavra de outrem são condição da vivência verboideológica, ao passo que o estatuto textual é condição para início da investigação dessas vivências. Sem o recorte em texto, os enunciados concretos seriam intangíveis para o exame analítico; sem esse procedimento, o pesquisador (con)fundir-se-ia com qualquer outro respondente na vida, no dia a dia. Amalgamar conceitualmente texto e enunciado concreto implicaria suprimir o ponto de partida da interpretação dialógica (Bakhtin, 2017b) e reduzir a primeira das duas tarefas de análise propostas por Bakhtin (2017a) às mesmas condições responsivas da ocorrência original daquilo que, na pesquisa, transmuta-se como objeto de estudo. Integrados em um *corpus*, e já não mais no desfile da escola de samba ou na edição digital de um jornal, samba-enredo e coluna jornalística avizinham-se e delimitam-se como respostas ao enunciado atribuído a Dom Pedro I. Ao recuperar as valorações dispares emergentes desse *corpus*, o trabalho analítico dá vistas à tensão a habitar a memória cultural do “Dia do fico”.

## Referências

AMORIM, Marília. Ato *versus* objetivação e outras oposições fundamentais no pensamento bakhtiniano. In: FARACO, Carlos Alberto; TEZZA, Cristovão; CASTRO, Gilberto de (org.). *Vinte ensaios sobre Mikhail Bakhtin*. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 17-24.

AMORIM, Marília. Vozes e silêncio no texto de pesquisa em ciências humanas. *Cadernos de Pesquisa*, Rio de Janeiro, n. 116, p. 07-20, jul. 2002.

AUSTIN, John Langshaw. *How to Do Things with Words*. Oxford: University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail. Arte e responsabilidade. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. XXXIII-XXXIV.

BAKHTIN, Mikhail. Diálogo II. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016c. p. 125-150.

BAKHTIN, Mikhail. Fragmentos dos anos 1970-1971. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2017a. p. 21-56.

BAKHTIN, Mikhail. *O autor e a personagem na atividade estética*. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2023.

BAKHTIN, Mikhail. O texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016b. p. 71-107.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: 34, 2016a. p. 11-70.

BAKHTIN, Mikhail. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2010a.

BAKHTIN, Mikhail. Por uma metodologia das ciências humanas. In: BAKHTIN, Mikhail. *Notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. Notas da edição russa de Serguei Botcharov. São Paulo: 34, 2017b. p. 57-79.

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução direta do russo, notas e prefácio de Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.

BEAUGRANDE, Robert de; DRESSLER, Wolfgang. *Einführung in die Textlinguistic*. Tübingen: Max Niemeyer, 1981.

BENVENISTE, Émile. A natureza dos pronomes. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral 1*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes, 2005b. p. 277-283.

BENVENISTE, Émile. Da subjetividade na linguagem. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral 1*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes, 2005c. p. 284-293.

BENVENISTE, Émile. Estrutura das relações de pessoa no verbo. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral 1*. 5. ed. Trad. Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. Campinas: Pontes, 2005a. p. 247-259.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral 2*. Trad. Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant'Ana Castro, João Vanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch. Campinas: Pontes, 1989b. p. 81-92.

BENVENISTE, Émile. Semiologia da língua. In: BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral 2*. Trad. Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandarsi Sant'Ana Castro, João Vanderlei Geraldi, Ingedore G. Villaça Koch. Campinas: Pontes, 1989a. p. 43-67.

BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. Publicação e recepção das obras do Circulo de Bakhtin no Brasil: a consolidação da análise dialógica do discurso. *Bakhtiniana: rev. estud. discurso*, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 104-131, out. 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p56378>. Acesso em: 30 abr. 2024.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas: Unicamp, 2008.

BRAIT, Beth. Os textos chamam, a memória responde. *Todas as Letras: revista de língua e literatura*, São Paulo, v. 14, n. 2, 2012. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/4657>. Acesso em: 3 maio 2024.

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz. A produtividade do conceito de gênero em Bakhtin e o Circulo. *Alfa, rev. linguist.*, São José Rio Preto, v. 56, n. 2, dez. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1981-57942012000200002>. Acesso em: 4 maio 2024.

CONTE, Maria-Elisabeth. *La lingüística testuale*. Milano: Feltrinelli, 1977.

CULIOLI, Antoine. *Pour Une Linguistique de L'Énonciation*. Domaine notionnel. Tome 3. Paris: Éditions Ophrys, 1999b.

CULIOLI, Antoine. *Pour Une Linguistique de L'Énonciation*. Formalisation et operations. Tome 2. Paris: Éditions Ophrys, 1999a.

CULIOLI, Antoine. *Pour Une Linguistique de L'Énonciation*. Opérations et représentations. Tome 1. Paris: Éditions Ophrys, 1990.

DESTRI, Alana; MARCHEZAN, Renata Coelho. Análise dialógica do discurso: uma revisão sistemática integrativa. *Revista da Abralín*, Campinas, v. 20, n. 2, p. 1-25, 2021. DOI: 10.25189/rabralin.v20i2.1853. Disponível em: <https://revista.abralin.org/index.php/abralin/article/view/1853>. Acesso em: 30 abr. 2024.

DRESSLER, Wolfgang. *Einführung in die Textlinguistic*. Tübingen: Neimeyer, 1972.

GRICE, Herbert Paul. Logic and conversation. In: COLE, Peter; MORGAN, Jerry L. (ed.). *Syntax and semantics 3: Speech arts*. New York: Academic Press, 1975. p. 41-58.

HARRIS, Zellig. Discourse analysis. *Language*, New York, v. 28, n. 1, p. 1-30, 1952.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Gêneros discursivos como tipologia de participação no mundo verboideológico. *Revista Todas as Letras*, São Paulo, [2024?]. No prelo.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra. Quando o "discurso do sujeito" não instala o sujeito do discurso: desafios para a implementação da BNCC de língua vernácula no ensino médio. *Diálogo das Letras*, Pau dos Ferros, v. 11, p. e02203, 2022. Disponível em: <https://periodicos.apps.uern.br/index.php/DDL/article/view/3865>. Acesso em: 15 maio 2024.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; CÂNDIDO, Daniel Eduardo. O tilintar dos cálices de Cristo, Chico/Gil e Criolo: a questão da ética num brinde dialógico. *Bakhtiniana: rev. estud. discurso*, São Paulo, v. 15, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457349145>. Acesso em: 15 maio 2024.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; KOGAWA, João. *Pensadores da Análise do Discurso: uma introdução*. 1. ed. Jundiá: Paco Editorial, 2019. v. 1. 240 p.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; MATTOS, Carlos Eduardo De Araújo de. Notas dialógicas sobre as origens da ambivalência do conceito de inferno na cultura ocidental: a simultaneidade sagrado-prosaico. *Bakhtiniana: rev. estud. discurso*, São Paulo, v. 19, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p63330>. Acesso em: 15 maio 2024.

MAGALHÃES, Anderson Salvaterra; QUEIJO, Maria Elizabeth da Silva. A arena discursiva das ruas e a condição pós-moderna: da manifestação à metacarnavalização. *Bakhtiniana: rev. estud. discurso*, São Paulo, v. 10, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1590/2176-457322367>. Acesso em: 15 maio 2024.

MEDVIÉDEV, Pavel Nikoláievitch. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. São Paulo: Alfaguara, 2008. Original de 1966.

MORSON, Gary Saul; EMERSON, Caryl. *Mikhail Bakhtin: criação de uma prosaística*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

PÊCHEUX, Michel. *Analyse automatique du discours*. Paris: Dunod, 1969.

QUEIJO, Maria Elizabeth da Silva. *Corpus e objeto em perspectiva dialógica: uma análise em obras de M. Bakhtin*. *Bakhtiniana: rev. estud. discurso*, São Paulo, v. 17, n. 2, abr./jun. 2022b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2176-4573p56746>. Acesso em: 3 maio 2024.

QUEIJO, Maria Elizabeth da Silva. *O método dialógico em obras de M. Bakhtin*. 2022. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2022a. Disponível em: <https://repositorio.pucsp.br/jspui/handle/handle/26099>. Acesso em: 30 abr. 2024.

QUEIJO, Maria Elizabeth da Silva; GONTIJO ROSA, Carlos. As fronteiras do enunciado concreto: limite desaparecendo/limite desaparecido? *DELTA. Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*. São Paulo, v. 39, n. 4, p. 1-26, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1678-460X202339458582>. Acesso em: 15 maio 2024.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1995. Original de 1916.

SEARLE, John. *Speech acts*. Cambridge: University Press, 1969.

SEIDEL, Verônica Franciele. *O conceito de singularidade como fundamento da dimensão ética da linguagem: a gênese da teoria de Bakhtin e do Circulo*. 2024. 122 f. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10923/26043>. Acesso em: 15 maio 2024.

SILVA, Adriana Pucci Penteado de Faria e. A arquitetura das plásticas sonoras de Smetak. *Intercâmbio*, São Paulo, v. 20, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/intercambio/article/view/3533>. Acesso em: 2 maio 2024.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *A construção da metalingüística (fragmentos de uma ciência da linguagem na obra de Bakhtin e seu círculo)*. 2002. 167 f. Tese (Doutorado em Linguística: Semiótica e Linguística Geral) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. DOI: 10.11606/T.8.2002.tde-17092002-120415. Acesso em: 30 abr. 2024.

SOUZA, Geraldo Tadeu. *Introdução à teoria do enunciado concreto do círculo Bakhtin-Volochinov-Medvedev*. São Paulo: Humanitas-FFLCH-USP, 1999.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. (Círculo de Bakhtin). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. Estilística do discurso literário I: O que é linguagem/língua? In: VOLÓCHINOV, Valentin Nikoláievitch. (Círculo de Bakhtin). *A palavra na vida e a palavra na poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas*. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: 34, 2019. p. 234-265.

---

## Anderson Salvaterra Magalhães

Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem (PUC-SP, São Paulo, SP, Brasil) com estudos de pós-doutoramento em Língua Portuguesa (UFRJ, Rio de Janeiro, RJ, Brasil), professor associado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de São Paulo (PPGL/Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil).

---

## Endereço para correspondência

### ANDERSON SALVATERRA MAGALHÃES

Departamento de Letras – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Estrada do Caminho Velho, n. 333, Jardim Nova Cidade, 07252-312

Guarulhos, São Paulo, Brasil

*Os textos deste artigo foram revisados por Araceli Pimentel Godinho e submetidos para validação dos autores antes da publicação.*